

Os Jogos Olímpicos da Covid

Via [Sin Permiso](#)

Mesmo para o observador casual dos Jogos Olímpicos, ficou claro a partir de março de 2020 que o Comitê Olímpico Internacional (COI) [cuja sede se encontra na cidade olímpica de Lausanne, em um edifício de luxo construído há pouco tempo] estava vendendo uma ilusão. Ao anunciar sua decisão de adiar os Jogos Olímpicos de Tóquio, o COI disse que os Jogos ainda seriam chamados de “Tóquio 2020”, mesmo que o evento fosse realizado em 2021. Nos dias de hoje, é necessário suspender voluntariamente a realidade para evitar ver os desafios mortais que as Olimpíadas impuseram a uma população pouco disposta em meio a uma pandemia de saúde.

Realizar as Olimpíadas – o evento mega-esportivo mais complexo do mundo, envolvendo mais de 11.000 atletas e dezenas de milhares de funcionários de apoio – foi uma ideia terrível. Estava claro para os profissionais de saúde pública desde o início. Na véspera dos Jogos, o Dr. Masami Aoki da Associação Médica Feminina do Japão disse: “As Olimpíadas são a última coisa que deveríamos ter em meio à pandemia de Covid-19. Ela acrescentou: “As Olimpíadas devem ser suspensas”.

Hoje, em Tóquio – e em todo o Japão – estamos testemunhando o cenário de pesadelo que muitos profissionais de saúde pública haviam previsto: aumento das taxas de coronavírus e hospitais à beira do abismo. O presidente do COI Thomas Bach, em uma declaração ridícula, alegou que os Jogos Olímpicos representavam risco “zero” de propagação da Covid no Japão. Mas na realidade, há um novo número recorde de casos de coronavírus quase todos os dias. Por sua vez, o primeiro ministro japonês Yoshihide Suga disse que o aumento dos casos não teve nada a ver com os Jogos Olímpicos. O diretor executivo dos Jogos de Tóquio Toshio Muto disse: “Acredito que temos sido capazes de administrar a Covid-19, até agora,

em um nível de acordo com as expectativas”. Em outras palavras, os organizadores olímpicos não ficam muito incomodados se um certo número de pessoas contrair Covid por causa dos Jogos, desde que não haja muitos: é horrível.

O repórter esportivo da AP em Tóquio, Stephen Wade, que também relatou do Rio de Janeiro durante os Jogos Olímpicos de 2016, observou no Twitter: “O COI diz que o pico do vírus não tem nada a ver com os Jogos Olímpicos. Falso. As pessoas saem mais. Celebrando as medalhas do Japão. Mais tráfego nos trens. Nos bares. Os Jogos Olímpicos terminam em dez dias. O COI vai embora. O Japão terá que limpar a bagunça e pagar bilhões de dólares em contas. O COI paga pouco, colhe os benefícios e vai. [1]

Annie Sparrow, que juntamente com colegas examinou os preparativos para o coronavírus do COI no New England Journal of Medicine, criticou os barões olímpicos por colocarem em prática “medidas baratas que não funcionam em vez de métodos cientificamente comprovados que funcionam”. Hoje, os atletas estão pagando o preço, com um aumento nos casos da Vila Olímpica, onde os atletas residem durante os Jogos. No momento em que escrevemos, 259 casos positivos de coronavírus foram relatados na área olímpica desde 1 de julho, e mais continuam a ser acrescentados. A chamada “bolha olímpica” é outro mito bizarro que nos obriga a deixar de ser ingênuos. Essa bolha – se é que alguma vez existiu – rebentou há muito tempo.

Quando visitamos Tóquio em julho de 2019, muito antes do Covid se espalhar pelo mundo, a principal preocupação das pessoas comuns sobre os Jogos de Tóquio era o calor e a umidade sufocantes que os participantes, particularmente os atletas, teriam que suportar. Realizar os Jogos em julho e agosto significava submeter os atletas a condições climáticas extremas e perigosas. Foi precisamente por esta razão que os Jogos Olímpicos de Tóquio de 1964 foram realizados em outubro. Entretanto, a proposta original de Tóquio alegou alegremente – e enganosamente – que “com muitos dias de clima ameno e

ensolarado, este período proporciona um clima ideal para que os atletas tenham o melhor desempenho possível”. [2]

Diga isso ao competidor de tiro com arco olímpico que sofreu uma crise de exaustão devido ao calor extremo. Ou o tenista que mal conseguia respirar na quadra. Ou o atleta que teve que se retirar devido ao choque térmico e foi evacuado em uma cadeira de rodas. De acordo com Toshiro Muto, 30 pessoas tiveram que ser tratadas por exaustão devido ao calor escaldante.

O COI estava plenamente consciente desta realidade. Exigia que os atletas assinassem um termo de responsabilidade declarando: “Reconheço que participo dos Jogos por meu próprio risco e responsabilidade, incluindo qualquer impacto em minha participação e/ou desempenho nos Jogos, qualquer lesão corporal grave ou mesmo morte devido a possível exposição a riscos à saúde, como a transmissão de Covid-19 e outras doenças infecciosas, ou condições de calor extremo durante minha participação nos Jogos”. A cláusula responsabiliza os atletas e isenta os organizadores dos Jogos Olímpicos de qualquer responsabilidade legal, mesmo que um atleta venha a morrer do coronavírus ou de calor extremo.

O mito de que as Olimpíadas de Tóquio “colocam os atletas em primeiro lugar” deve ser dissipado. “Os atletas não são a prioridade”, disse o historiador David Wallechinsky ao New York Times (17 de julho de 2021). “A televisão é a prioridade”. David Wallechinsky está se referindo ao fato de que a realização dos Jogos de Tóquio durante os meses de verão beneficia a NBC – que, segundo algumas estimativas, representa 40% de todas as receitas do COI – e outras emissoras.

Assim, temos uma Olimpíada em pleno calor, sem espectadores e com a constante ameaça da pandemia por trás de cada movimento dos atletas participantes, com o número de casos de coronavírus, em todas as suas variantes, quebrando recordes em todo o país a cada dia. Enquanto isso, alguns atletas não

estão ajudando os cidadãos japoneses a esquecer o pesadelo: alguns deles também estão se reunindo para beber juntos, de forma ilegal. Na delegação dos EUA, a história “top” pode ser a recusa do nadador Michael Andrew em usar uma máscara.

Muitos já estão chamando estes jogos de “Jogos Pandêmicos”, os “Jogos Malditos” ou os “Jogos Doentes”. No Japão, muitos estão ansiosos para chamá-los de “acabados”.

Notas

[1] Em The Guardian de 24 de julho, David Goldblatt escreveu: “Como em todos os Jogos Olímpicos, os custos aumentaram e o Japão terá que pagar mais de US\$ 30 bilhões, dos quais o COI não pagará um centavo”. Além disso, tem havido a habitual combinação de estádios fantasmas caros, alegações de corrupção no processo de licitação e na adjudicação de contratos, e o despejo forçado de cidadãos de suas casas”. Nenhuma menção, é claro, às construções feitas de madeira supostamente sustentável – nas palavras de Thomas Bach ao conceder os Jogos – que na realidade vêm do desmatamento criminoso na Indonésia, na ilha de Bornéu.

[2] No New York Times de 17 de julho, John Branch diz: “Mais de 1.000 japoneses morreram de causas relacionadas ao calor em julho e agosto de 2018 e 2019, e vários eventos de testes olímpicos em Tóquio deixaram muitos atletas doentes, forçando os organizadores a reprogramar”.